



Umbanda: festas e hospitalidade¹

Liliane Provenzano Friedericks²
Universidade Anhembi Morumbi

Resumo

A Umbanda é uma religião que apresenta vocação para o acolhimento desde sua origem, no início do século XX, por isso, o presente estudo analisa a hospitalidade nas festas umbandistas. A metodologia é a pesquisa de caráter bibliográfico e os resultados estão apresentados em duas etapas: a primeira trata da Umbanda: principais cultos presentes em sua origem, sincretização da religião com os mesmos, seus cultos e festas. A segunda etapa analisa a hospitalidade nas festas umbandistas e conclui que o acolher está presente nestas situações e que a hospitalidade umbandista tem como aspecto mais peculiar a inversão de papéis no tempo sagrado dos cultos e festas, onde o papel de anfitrião e de hóspede são ocupados por diferentes agentes, que se alternam, todos movidos por uma dádiva inicial e interagindo dentro de um espaço especialmente preparado para esse fim.

Palavras-chave: festas. Hospitalidade. Umbanda.

A Umbanda é uma religião afro-brasileira, com características urbanas, que surgiu no início do século XX, no Rio de Janeiro, trazendo em si elementos do catolicismo, kardecismo, religiões africanas e indígenas (PRANDI, 2003).

Por religiões afro-brasileiras entende-se

[...] o conjunto das práticas religiosas desenvolvidas a partir do contato entre civilizações de origem européia, africana e americana em solo brasileiro. (CAPELLARI, 2001, p. 65)

A Umbanda é uma síntese de diferentes manifestações religiosas o que, segundo José Guilherme Cantor Magnani (1986, p. 42) a constitui numa:

[...] espécie de *bricolagem*, onde cada parte integrante, ainda que reinterpretada de acordo com uma nova sintaxe, conserva algo das estruturas de origem.

¹ Trabalho apresentado ao GT Interfaces com os Eventos do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo.

² Comunicóloga com habilitação em Relações Públicas, máster em Criatividade, mestre em Hospitalidade, professora universitária e sacerdotisa de Umbanda.

E-mail para contato: lírio.com@uol.com.br



Segundo Marcos Alexandre Capellari, os elementos formadores da Umbanda

[...] já se encontravam desenvolvidos em outras práticas religiosas afro-brasileiras, destacando-se a Cabula, cujo chefe era chamado embanda, assim como a Macumba, cujo chefe era conhecido como umbanda. Suas origens, pois, remetem ao culto das entidades africanas (orixás*, enquices*) e indígenas (caboclo), assim como dos santos Católicos. (Capellari, 2001, p. 91)

Os elementos das diferentes culturas que compõem a Umbanda co-existem através da utilização de símbolos específicos, que estão presentes de forma harmônica nos rituais, iniciações e sacramentos da religião, como a forma de relacionamento entre os vivos e mortos do kardecismo, os santos católicos, os cantos africanos e as danças indígenas.

A exemplo do catolicismo, espiritismo e candomblecismo, a Umbanda pode ser considerada uma religião monoteísta, pois apesar de reverenciar diversas divindades, considera como fonte universal um único criador, que pode ter diferentes denominações, decorrentes das influências africana, católica ou indígena, como Deus, Zambi ou Olodumaré, dependendo da formação religiosa dos sacerdotes dirigentes dos centros umbandistas.

Como manifestações do Criador no plano material, estão as divindades, consideradas forças da Natureza e nominadas Orixás, que constituem o panteão africano e foram sincretizadas, ou seja, relacionadas com os santos católicos pelos africanos durante o período da escravidão, como forma de perpetuar a tradição recebida na África.

Como herança dos cultos africanos, os orixás têm seus nomes escritos e pronunciados em Yorubá, língua dos Nagôs, Ketu, Ijejá, Egba, entre outros e cada orixá encontra seu correspondente entre os santos católicos sendo representado pelas imagem desse santo em grande parte dos terreiros.

Pelo fato dos escravos relacionarem os orixás e os santos católicos de acordo com a mitologia repassada oralmente pelos sacerdotes e senhores e, também pelo fato dos orixás apresentarem características diferentes na África, variando de região para região, o sincretismo umbandista difere de acordo com os locais e tradições recebidos.

Cada templo apresenta características diferentes em relação aos rituais e sacramentos e é autônomo para isso, pois a religião não tem um líder nacional, tampouco associações ou federações com força para unificar a forma de culto e linha teológica, sendo os sacerdotes umbandistas, portanto, as autoridades máximas de cada terreiro, como são chamados os centros de Umbanda.

A diversidade encontrada em certos aspectos da teologia pode ser detectada facilmente na literatura umbandista, pois cada escritor trata esses assuntos de forma diferenciada, o que é resultado da diferente formação de cada um.

Os centros de Umbanda, também denominados de terreiros ou tendas, são organizados em grupos pequenos, congregados em torno dos sacerdotes principais, denominados de pais ou mães-de-santo, autoridades máximas desses grupos, denominados de famílias de santo, pois possuem efetivamente, características de uma família. (PRANDI, 2003, p. 9)

Para a família de santo, o terreiro ou centro, é chamado de “casa”, o que sugere uma analogia com uma família consanguínea e aponta para a hospitalidade, pois toda relação se dá dentro do espaço da casa, pela família de santo.

Pode haver dentro dos terreiros a figura apenas do pai ou da mãe-de-santo, que às vezes elegem um “pai pequeno” ou “mãe pequena”, que serão seus sucessores ou substitutos na condução dos trabalhos. Os pais ou mães “pequenos” não têm o mesmo destaque dentro do grupo, pois os mesmos estão subordinados aos sacerdotes principais.

Os demais trabalhadores, chamados genericamente de “filhos da casa”, pois são considerados filhos de santo dos sacerdotes, podem estar divididos nas funções de: médiuns incorporantes (trabalhadores que incorporam as entidades que trabalham no terreiro), ogãs (trabalhadores que tocam os instrumentos e entoam as canções ritualísticas), cambones (trabalhadores que auxiliam as entidades incorporadas) e organizadores de assistência* (trabalhadores que distribuem senhas, organizam o atendimento, recebem os donativos do terreiro, entre outras coisas).

É importante ressaltar que as autoridades máximas de cada terreiro são os sacerdotes principais, por esse motivo, toda a estrutura hierárquica, sincretismo e culto são organizados pelos mesmos, que utilizam seu conhecimento pessoal, formação religiosa e experiência em outros terreiros para determinar os procedimentos e regras do local que presidem, não há um líder nacional que determine regras, dogmas e comportamentos para todos os seguidores.

Os cultos umbandistas, também denominados “giras”, acontecem dentro dos centros de Umbanda, em média uma vez por semana e são abertos para o público frequentador do terreiro, a denominada assistência.

O culto apresenta três partes distintas: abertura, atendimento e fechamento.

Na abertura, é comum haver cantos de louvação aos orixás, execução do hino da Umbanda, preces, defumação* e cantos, não necessariamente nessa ordem.

O atendimento, considerado o momento de “caridade ao próximo” é feito através de consultas, passes, benzimentos e trabalhos de magia* para cura e outros fins. Os atendimentos são realizados pelas entidades, incorporadas nos médiuns, que por sua vez, são auxiliados pelos denominados cambones e, realizados dentro de um espaço específico.

O espaço sagrado de atendimento é, em geral, dividido do espaço ocupado pela assistência, esta demarcação pode ser com plantas, balaústres ou cortinas. No espaço da assistência, são colocadas cadeiras para acomodação dos frequentadores pré e durante a gira. No espaço para o atendimento, está localizado o altar, que é o ponto central, geralmente uma parede que fique visível para todos e onde podem ser colocadas imagens de santos católicos.

Os sacerdotes principais, que em geral, são os médiuns principais, ficam em frente ao altar e os demais médiuns e trabalhadores se acomodam no restante do espaço, que também é ocupado pelos atabaques e objetos rituais.

Normalmente, esse tempo sagrado é marcado pela execução de cantos, que podem ser ao vivo com acompanhamento de instrumentos, destacando-se entre eles o atabaque, ou em meio eletrônico, com a utilização de CDs gravados especialmente para esse fim.

Após o atendimento é feito o encerramento, em geral, com entoação de apenas cânticos de fechamento e agradecimento.

Entre os iniciados e frequentadores, existe a diferença de tempo de dedicação à religião, estudo da doutrina umbandista, da doutrina de outras religiões e responsabilidades assumidas com a Umbanda, pois conforme Souza “Como uma religião afro-brasileira, a umbanda requer tempo de aprendizado dos mistérios do panteão, do ritual, do receituário mágico.” (SOUZA, 2001, p. 307)

Outra diferença é que a obrigação das despesas relativos à instalação e manutenção do terreiro (velas, água, luz, ervas para banho e defumação etc), são de responsabilidade dos iniciados, sendo opção da assistência contribuir ou não com uma ajuda de custo. Essa ajuda de custo, se for doada mensalmente, pode proporcionar ao contribuinte algumas regalias, como prioridade na ordem de atendimento e/ou escolha da entidade para consulta.

A convivência entre pais e filhos de santo é em geral, muito próxima pois, além do dia de gira, muitos terreiros realizam reuniões em outros dias para discussão de

procedimentos do centro, disseminação de conhecimentos sobre a religião, entre outros assuntos, o que faz com que os laços dessa família religiosa sejam estreitos.

A proximidade entre pais e filhos de santos possibilita a formação de novos sacerdotes de Umbanda, pois ao longo do tempo os filhos de santo vão absorvendo o conhecimento necessário para poder dirigir um terreiro.

O conhecimento umbandista, apesar de ser passado em grande parte de forma oral, é complementado pela literatura específica da religião e pela vivência de cada iniciado, principalmente nos cultos e festas.

As festas em homenagem aos orixás têm grande importância no calendário da Umbanda, pois são momentos especiais, onde os adeptos têm a oportunidade de homenagear as divindades. O calendário anual é baseado no calendário católico de dias consagrados aos santos dessa religião.

Os terreiros são os locais onde a dimensão da dádiva e da hospitalidade são mais visíveis e ponto de concentração dos iniciados, que se reúnem para realizar os preparativos das festas, abertas para os frequentadores e visitantes, convidados do evento, o que aponta outro aspecto importante da Umbanda enquanto religião hospitaleira.

Os preparativos da festa concentram-se na decoração do local e preparo de comidas específicas, realizadas de forma ritualística, com entoação de cantos próprios. Durante a manipulação dos alimentos procura-se conectar a vibração específica do orixá homenageado com o objetivo de atrair a “benção” da divindade, de forma que, ao serem ingeridas, as comidas possam transmitir a energia, o axé do orixá.

Antes do início das festas, é comum a reprodução oral dos mitos dos orixás, de acordo com a tradição africana e também católica, momento em que se procura salientar os aspectos marcantes da divindade homenageada para que os presentes, iniciados ou não, possam compreender a amplitude de cada mito específico.

Para os umbandistas, as festas são uma forma de conexão entre os iniciados e os orixás e as ligações são sempre necessárias, seja do sagrado com o profano, do mundo material com o não-material, do homem com o Criador, do Criador com os orixás, do homem com os orixás.

As festas, assim como as giras, seguem o roteiro de abertura, atendimento e fechamento e diferenciam-se por dois fatores: primeiro pela oferta dos alimentos aos presentes, feita ou após a consulta individual dos frequentadores e visitantes ou após o

atendimento de todos os presentes, antes do encerramento; segundo e talvez mais sutil, é que durante esse culto, todo gesto, todo cântico, todo pensamento, todo agradecimento realizado pelos iniciados estará dirigido ao orixá homenageado, para evidenciar que aquele dia é dia daquela divindade.

Nas festas, considera-se a hospitalidade como dom do espaço, alimento e de si, o que possibilita estabelecer um paralelo com a Umbanda, onde existem vários tipos de doações feitas pelos iniciados: a do espaço (terreiro), a dos alimentos (custo dos ingredientes e materiais) e, a doação de si, que envolve o preparo dos alimentos, feitos após preceitos próprios - como não comer carne vermelha, tomar banhos de ervas, estar com roupas ritualísticas e em concentração.

Os chamados preceitos, são providências específicas na preparação dos iniciados para os dias de culto, pois facilitam a conexão destes com os espíritos ou entidades que estarão presentes na gira. Assim como as festas, as giras de Umbanda podem ser consideradas tempos sagrados, que se opõem aos tempos profanos, sendo o tempo sagrado um tempo ao qual se pode voltar através dos ritos e o tempo profano, um tempo linear, com início, meio e fim. (ELIADE, 1992, p. 64)

A diferença entre as festas e giras é que as festas são tempos sagrados reservados para os mitos, divindades, como forma de re-atualização dos mesmos e as giras são tempos sagrados onde há a co-existência entre a vida física e a vida extra-física, a vida física representada pelos médiuns e consulentes e a extra-física pelos guias.

Os espíritos do mundo astral, também chamados de entidades ou guias, incorporam nos médiuns de Umbanda com o objetivo de praticar a caridade através do aconselhamento gratuito aos frequentadores.

José Guilherme Cantor Magnani (2002, p. 3), define os guias de Umbanda:

As entidades umbandistas são, portanto, espíritos de mortos – ainda que não individualizados – para quem a missão de ajudar os homens é um meio de expiar faltas passadas de acordo com a doutrina do carma e assim progredir em busca da perfeição. Tem-se, assim, a crença na comunicação concreta e real entre o mundo dos vivos e dos mortos; estes o fazem em virtude da necessidade de evoluir espiritualmente, para o que necessitam da materialidade do corpo físico dos iniciados.

As entidades espirituais se apresentam organizadas em linhas, que são divididas de acordo com suas características e especialidades e compreende atualmente as seguintes linhas:

caboclos e caboclas, pretos e pretas-velhas, baianos e baianas, boiadeiros, erês ou crianças, ciganos e ciganas, exus-mirins, marinheiros, Exus e pombagiras.

José Francisco Miguel Henriques Bairrão (2004, p. 210), destaca que as linhas de Umbanda podem variar “dinamicamente”, “fundirem-se ou se subdividirem”.

Apesar de algumas linhas serem exclusivamente masculinas, como os marinheiros e outras exclusivamente femininas, como as pombagiras, um médium masculino pode incorporar entidades femininas, o mesmo acontecendo com médiuns femininas, que podem manifestar entidades masculinas.

Atualmente, grande parte dos centros trabalha com um sistema rotativo de linhas, ou seja, a cada semana uma das linhas é trabalhada. Também é comum terreiros que trabalham com duas linhas no mesmo dia, ou seja, a primeira linha se apresenta, assiste os frequentadores e depois disso se faz a transição ou “virada” para a outra linha.

A presença de mais de uma linha em um mesmo dia é explicada pelas diferentes características que cada grupo apresenta, sendo necessário às vezes, mudar de linha para poder contemplar-se outras vibrações ou tipos de atendimento.

Dentre todos os pontos e conexões estabelecidas no corpo do trabalho, conclui-se que a hospitalidade da religião está no acolher, atributo que está presente em todas as situações ligadas à hospitalidade umbandista, onde as festas são destaque.

Desde seu surgimento, a Umbanda demonstrou uma vocação para o acolhimento em vários sentidos, seja a incorporação de elementos de outras religiões, agregação de novas linhas de trabalho ou ausência de sectarismo entre os frequentadores; predisposição ainda presente na religião, indicando que a vocação inicial não se exauriu.

A hospitalidade umbandista pode ser definida, portanto, como uma ação em direção à criação de vínculos, que tem na vocação da religião em proporcionar acolhimento, o passo inicial para a alteridade, que faz com que o tempo e o espaço sagrados sejam preparados para o Outro que vai chegar, entidades e frequentadores.

A criação de vínculos se caracteriza pelo entrelaçamento dos agentes presentes na religião, o que promove uma alternância nos papéis de anfitrião e hóspede no tempo específico e espaço preparado especialmente para essa interação, sejam em dias de gira ou dias de festa.

O vínculo *assistência e iniciados* começa na recepção aos frequentadores, os hóspedes, quer sejam habituais ou não. Estes hóspedes, quando chegam ao terreiro, são

recebidos pelos iniciados, os anfitriões dessa relação, que tiveram o cuidado de limpar e arrumar o local antes deste contato.

A continuidade do contato está no entretenimento proporcionado pelos momentos pré-gira ou festa, através da distribuição de senhas para atendimento, realização de palestras e explicações sobre o funcionamento do centro.

Na relação entre *assistência* e *entidades*, realizada durante o atendimento, os anfitriões são as entidades, que acolhem a assistência, os hóspedes. A ação hospitaleira segue com a conversa entre entidade e frequentador, onde o hóspede pode falar de si, ouvir conselhos, sentir-se “em casa”. O vínculo estabelecido pelo acolhimento é complementado pela alimentação espiritual, que é oferecida pelos guias a cada consulente.

Um aspecto interessante desta relação é a retribuição feita pela assistência em relação à hospitalidade recebida, feita em forma de presentes ofertados às entidades, como charutos, bebidas e demais objetos, ritualísticos ou não, oferta que não ocorre apenas nos dias de festa. Um pouco menos perceptível, mas não menos representativa em relação ao vínculo, é a presença constante das pessoas que se sentem gratificadas pelas dádivas recebidas durante os cultos umbandistas e que, muitas vezes, contam suas histórias perante os demais frequentadores nos dias de gira.

Num primeiro momento, a assistência estaria excluída da inversão de papéis anfitrião-hóspede que marca os outros vínculos, pois por tratar-se de um espaço sagrado, os cultos não podem ser realizados nas residências dos frequentadores, quando estes fariam o papel de anfitriões. Porém, quando, por vontade própria, os frequentadores passam a fazer parte do corpo dos iniciados, eles passam a fazer parte da alternância de papéis e, passam a estar, ora como anfitriões, ora como convidados.

A mais complexa das relações talvez seja a que se passa entre os *iniciados* e as *entidades*, porque o caráter de anfitrião aparenta ser dos iniciados, os encarnados, que estão presentes em corpo físico.

Na Umbanda, as entidades são denominadas de “donas da casa”, por isso, quando na presença das entidades, os iniciados passam a ter um papel coadjuvante. Essa inversão pode ter explicação no fato dos guias serem as autoridades máximas que incorporam na Umbanda, estando somente abaixo dos orixás, que não incorporam. Por este motivo, todo o espaço sagrado é preparado para que eles possam receber seus hóspedes, pois por serem autoridades, não farão as tarefas cotidianas de limpar, arrumar cadeiras, distribuir fichas, entre outras. Os

iniciados, nesse caso, tratam os anfitriões na sua chegada com distinção e respeito destinados aos donos do local.

Considerando-se as ações de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter consideradas por Camargo (2004, p. 52) como atos da hospitalidade humana, a aparente contradição acima é explicada, pois no espaço sagrado da hospitalidade umbandista, aos iniciados cabe o receber e, às entidades, o hospedar (acolher), alimentar (conselhos e procedimentos individuais) e entreter (proporcionar prazer e satisfação com o contato).

Permeando todos os vínculos descritos acima, estão as figuras do pai ou da mãe-de-santo, sacerdotes principais incorporantes ou não - que apesar de estarem contidos no grupo genericamente chamado de iniciados, merecem tratamento diferenciado, pois enquanto líderes do terreiro, atuam como anfitriões, no sentido do acolhimento, de todos os agentes envolvidos e já citados: demais iniciados, freqüentadores e entidades, num vínculo que ultrapassa os dias de culto ou gira.

Na relação com os iniciados, são os sacerdotes principais que os acolhem no terreiro desde a primeira visita, determinando suas funções quando resolvem integrar a família de santo, analisando suas atuações enquanto membros de uma equipe, atuando como conselheiros durante momentos difíceis.

Para os freqüentadores, os pais de santo são as peças-chave na decisão de freqüentar ou não um terreiro porque, da conduta deles é que se forma a boa ou má imagem que a assistência faz do centro, são eles que tiram as dúvidas sobre procedimentos passados por entidades, que educam para a fé umbandista e muitas vezes, dão conselhos ou utilizam seus conhecimentos pessoais para atender pessoas necessitadas em dias em que não há atendimento no terreiro, ou seja, fora dos dias de gira.

A ligação pais de santo e entidades se passa no sentido do acolhimento e recepção de todas as entidades que chegam ao terreiro, de médiuns novos, de sacerdotes e médiuns visitantes e dos médiuns da casa.

O fato das entidades serem denominadas de anfitriãs não interfere nessa relação, pois quando os anfitriões-entidades chegam ao terreiro, são recepcionados, acolhidos, informados sobre quaisquer alterações que tenham sido ou necessitam ser realizadas, atualizados sobre os fatos do mundo material, de forma semelhante ao do anfitrião quando recebe um hóspede.

A alternância de papéis entre os agentes umbandistas, iniciados, pais de santo e entidades acontece sempre dentro do mesmo espaço por tratar-se de um espaço sagrado, determinado e preparado especialmente para a realização dos cultos e para a prática da alteridade umbandista.

Com relação à alteridade, considerando-se a hospitalidade como dádiva do espaço, o espaço em questão é o corpo e também a casa, ambos preparados para o acolhimento ao outro, onde os iniciados são movidos pelo prazer da dádiva e o cálculo está ausente. Nesta relação também estão envolvidos o desapego e desperdício, tanto no âmbito físico quanto no financeiro, na medida em que alguns iniciados cedem o corpo e todos os iniciados contribuem (cedem) monetariamente para a continuidade do processo, sejam a giras ou as festas e, o retorno ou retribuição acontece no próprio ato de dar.

O retorno ou retribuição está na unidade que se estabelece entre os diferentes sujeitos que compõem a dinâmica da Umbanda, sejam conhecidos ou não, o que permite o alcance coletivo do sagrado.

Referências Bibliográficas

BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. Espiritualidade Brasileira e Prática Clínica. In: ANGERAMI-CAMON (Org.). **Espiritualidade e Prática Clínica**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004. p. 193 a 214.

CAPELLARI, Marcos Alexandre. **Sob o olhar da razão: as religiões não católicas e as ciências humanas no Brasil**. Dissertação (Mestrado em História Social) – USP, SP, São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br>>. Acesso em: 30 mar 2004.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Doença mental e cura na umbanda**. 2002. Disponível em: <<http://www.n-a-u.org/magnanidioencaacuranaumbanda.html>> Acesso em 24.02.05

_____. **Umbanda**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

PRANDI, Reginaldo. **As religiões afro-brasileiras e seus seguidores**. 2003. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/prandi/seguidor.doc>>. Acesso em: 05.06.2004

SOUZA, André Ricardo de. Baianos, novos personagens afro-brasileiros. In: PRANDI, Reginaldo (Org.). **Encantaria Brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001. p. 304 a 317

GLOSSÁRIO

Atabaques – instrumentos de percussão utilizados em cultos afro-brasileiros.

Cambones – filhos de santo que auxiliam as entidades durante o atendimento individual realizado na gira de Umbanda.

Centro / terreiro/ tendas – denominações equivalentes para os locais de culto umbandista.

Defumação – processo de limpeza energética de ambientes, que utiliza a fumaça produzida pela queima de determinadas ervas, colocadas sobre carvão em brasa, num recipiente próprio, chamado de turíbulo.

Desencarnados ou espíritos – seres humanos sem corpo físico (mortos), quando trabalhadores da Umbanda, também denominados de guias ou entidades.

Deus – atribuição judaico-cristã à energia criadora do Universo.

Encarnados – seres humanos dotados de corpo físico.

Enquices – divindades banto, responsáveis por forças da Natureza.

Exorcizado – termo utilizado pelo catolicismo para quem que já passou pelo processo de exorcismo ou retirada de algum demônio que se apoderou de seu corpo.

Giras – forma como são chamados os cultos umbandistas.

Iabás ou Yabás – forma como são chamadas as orixás femininas.

Incorporação – fenômeno que se produz a partir do acoplamento energético de um desencarnado em um encarnado, o que possibilita ao primeiro falar, beber ou gesticular utilizando o corpo físico do médium.

Mãe de santo - como são chamadas as sacerdotisas principais da Umbanda ou do Candomblé

Mãe pequena – filha-de-santo escolhido pelo pai ou mão-de-santo para sucedê-los no centro, ou que está em processo de formação para abrir sua própria casa.

Médiuns incorporantes – pessoas que possuem a capacidade psíquica de incorporação.

Mundo astral – forma como é denominado o espaço habitado pelos desencarnados ou espíritos.

Obrigações – entregas específicas de frutas, flores ou alimentos, para os orixás ou entidades, com o objetivo de obter maior ligação com os mesmos, o que possibilita melhor desempenho da função individual dentro do terreiro.

Ogãs – filhos de santo responsáveis pela execução das músicas durante os cultos umbandistas.

Oludumaré - atribuição yorubá à energia criadora do Universo.

Organizadores de assistência – filhos de santo que distribuem senhas, recebem donativos e indicam para os frequentadores o momento e entidade pela qual será atendido.

Orixás – divindades yorubás, responsáveis por forças da Natureza. Os principais orixás e divindades cultuados na Umbanda são os seguintes:

Oxalá – orixá que rege o aspecto da fé nos seres humanos, juntamente com Yewá e tem nos campos e nas nascentes d'água sua representação. Sincretizado com Jesus, seu dia é comemorado em 21 de dezembro.

Exu – orixá que rege a sexualidade, responsável por dar movimento à vida, por isso é saudado em primeiro lugar no Candomblé e na Umbanda. Considerado o mensageiro, é aquele que encaminha as orações e solicitações feitas aos demais orixás. Sincretizado com o Diabo judaico-cristão, é festejado na sexta-feira anterior ao domingo da Páscoa cristã.

Yewá – orixá que rege a fé, tendo como par Oxalá e como elemento regente o granizo. Sincretizada recentemente com Santa Clara, não tem data oficial para ser comemorada na Umbanda, podendo ser festejada em dezembro, onde é comum uma festa apenas para todas as Yabás.

Oxumaré – orixá que rege o amor, em conjunto com Oxum e tem como elemento o arco-íris. Sincretizado com São Bartolomeu, seu dia é 24 de agosto.

Oxum – orixá que rege o amor, par de Oxumaré. Seus elementos são as cachoeiras e a água doce. Sincretizada com Nossa Senhora Aparecida, é festejada em 12 de outubro.

Obaluayê – orixá que rege a geração, em conjunto com Yemanjá e tem como local de atuação, os cemitérios, juntamente com Omulú. Sincretizado com São Roque, é festejado em 16 de agosto.

Yemanjá – talvez a orixá mais conhecida no Brasil, é regente da geração, em par com Obaluayê e tem como elemento o mar. Pode ser sincretizada com N. Senhora da Conceição, quando é festejada em 8 de dezembro, ou com N. Sra. dos Navegantes, que tem como dia comemorativo 2 de fevereiro.

Omulú – orixá que rege a evolução, junto com Nanã. Está ligado à morte, por isso, é sincretizado com São Lázaro e tem como local de atuação, assim como Obaluayê, o cemitério. Festejado em 2 de novembro, dia de Finados.

Nanã – orixá que rege a evolução e também está ligada à morte e a sabedoria, é sincretizada com Santa Ana e festejada em 26 de julho. Seus elementos são os lagos, a lama e a água salobra.

Ogum – orixá que rege a lei divina, em par com Yansã. É considerado o “dono do caminho”, por isso seu local de atuação são as estradas e seu elemento é o ferro. Sincretizado com São Jorge, é festejado em 23 de abril.

Yansã – orixá que rege a lei divina, juntamente com Ogum. Seu elementos principal é o vento, mas também é considerada a “dona” dos raios e da tempestade. Sincretizada com Santa Bárbara, é festejada em 04 de dezembro, ou na festa destinada às Yabás.

Xangô – orixá que é responsável pela justiça divina, em par com Egunitá. Seu local de atuação são as pedreiras e montanhas e seu elemento é o trovão. Sincretizado com São Pedro, é homenageado em 29 de julho.

Egunitá – divindade umbandista que não faz parte do panteão africano. Rege a justiça divina em par com Xangô e tem como elemento o fogo purificador. Sincretizada recentemente com a divindade indiana Kali, não tem data para comemoração na Umbanda.

Oxossi – orixá que rege o conhecimento em par com Obá. Seu elemento é a mata e é sincretizado com São Sebastião, homenageado em 20 de janeiro.

Obá – orixá que rege o conhecimento, juntamente com Oxossi. É sincretizada com Santa Joana D’Arc e não tem data para comemoração, podendo ser festejada em dezembro, na festa destinada às Yabás.

Pai de santo – como são chamados os sacerdotes principais da Umbanda ou do Candomblé.

Pai pequeno – filho-de-santo escolhido pelo pai ou mão-de-santo para sucedê-los no centro, ou que está em processo de formação para abrir sua própria casa.

Panteão – conjunto de divindades cultuadas na religião.

Preceitos – regras específicas daquilo que deve e daquilo que não deve ser realizado no período que antecede as giras e obrigações.

Religiões neopentecostais – religiões brasileiras de origem cristã oriundas do protestantismo, criadas no Rio de Janeiro, a partir de 1970, tendo como precursoras a Casa da Bênção e a Igreja Universal do Reino de Deus.

Vida física – período de tempo em que o ser humano está encarnado.

**ANPTUR**

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo Uam– 27 a 28 de Agosto de 2007

Vida extra-física – período de tempo em que o ser humano está desencarnado.

Zambi – atribuição banto à energia criadora do Universo.